

1 Introdução

As propostas de revitalização de centros urbanos, dadas as suas frequências e abrangências, têm ocupado um importante lugar na dinâmica urbana contemporânea. Nas últimas décadas esses processos, caracterizados por incorporarem a prática da responsabilidade social como conteúdo norteador e diferenciador das diversas experiências de revitalização, têm despertado o interesse dos pesquisadores da área. Nesse sentido, as experiências das micro e pequenas empresas chamam a atenção pelo grande potencial de contribuição e envolvimento no campo social da revitalização das cidades, principalmente, pelas possibilidades que possuem de contato direto com a comunidade do entorno.

A escolha do tema partiu de dois aspectos: o primeiro está relacionado à experiência profissional no SESC Santa Luzia, local onde a pesquisadora tem uma grande aproximação com diversas empresas que se propuseram a desenvolver ações sociais mais efetivas; e o segundo teve origem nos noticiários da imprensa através dos quais foi possível acompanhar depoimentos de empresários envolvidos em projetos sociais e que acreditam na idéia de investir na comunidade como forma de influir na dinâmica da localidade, onde os seus negócios estão situados. Nesse sentido, eles crêem que as ações sociais desenvolvidas pelas empresas podem gerar transformações nos diversos setores da sociedade: nas famílias, na comunidade (moradores e frequentadores) e no próprio negócio. Desta forma, o estudo aqui proposto se insere no campo das análises de intervenções urbanísticas conhecidas como “revitalização” e/ou “requalificação” que tem ocorrido no Brasil nas áreas centrais de diversas metrópoles.

Constatando essa tendência em relação ao projeto Pólo Novo Rio resolvemos tomá-lo objeto empírico dessa pesquisa para identificar as ações sociais das micro e pequenas empresas privadas em referência ao contexto no qual estão inseridas. No caso específico deste projeto a questão abordada diz respeito ao desvendamento do significado para empresários de suas ações, tendo como alvo os moradores de rua e catadores de lixo.

O projeto Pólo Novo Rio foi criado em 2006, fruto da preocupação dos empresários da localidade, e resultou na definição de uma proposta de ação cujo objetivo principal era melhorar a oferta de serviços e produtos e, conseqüentemente, aumentar a *performance* econômica da região. Advém daí a aspiração de uma melhoria da infra-estrutura que acarrete melhores condições de segurança, lazer e higiene.

Assim, a análise do projeto de renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro, representado nesse estudo pelo Pólo Novo Rio, procura desvendar seus impactos na comunidade, apreendendo o modo pelo qual os grupos atingidos por tais processos reagem às mudanças ocorridas.

Estruturado no tripé memória, cultura e lazer, o Pólo Novo Rio está localizado na região que envolve os bairros da Cinelândia, Lapa, Rua do Lavradio e Praça Tiradentes berço de atividades econômicas e também dos maiores signos culturais que definem a cidade do Rio de Janeiro, entre eles: o samba, o choro e a boemia. Os principais responsáveis pela execução do projeto são os empresários locais que investem e acreditam na região, na tentativa de unir esforços para juntos concretizarem o projeto Pólo Novo Rio.

Essa área tomada como referência para a pesquisa é predominantemente comercial, onde se localizam cinemas, teatros, escritórios, bares, restaurantes e uma grande concentração de estabelecimentos comerciais. Há um baixo índice de moradores e apesar da sua dinâmica econômica existe uma série de problemas como, por exemplo, a quantidade de lixo produzido e lançado no local, que exige uma ação efetiva de coleta seletiva; outro problema são os moradores de rua que optam por se estabelecer em locais de grande visibilidade e trazem transtornos aqueles que desejam favorecer a revitalização e valorização do espaço.

Essa situação justifica a necessidade de envolvimento dessas empresas com o seu entorno, especificamente junto aos moradores de rua e catadores de lixo, segmentos que afligem muitos dos empresários da localidade. O Pólo Novo Rio para estruturar suas ações sociais ancorou-se na organização associativa dos empreendimentos da localidade através da criação de um grupo que é composto pelas seguintes empresas:

- Café Cultural Brasil - Segmento: bar com música ao vivo, fundado em 2001. Empresa de pequeno porte – 13 funcionários;

- Centro Cultural da Carioca – Segmento: bar com música ao vivo, fundado em 2001. Empresa de pequeno porte – 20 funcionários;
- Visual Manifesto – Design e comunicação – Segmento: prestação de serviços de design, fundado em 1997. Empresa de micro porte – 8 funcionários;
- Mercado Moderno – Segmento: design de móveis dos anos 40 aos 80, fundado em 2002. Empresa de micro porte – 6 funcionários;
- Rio Scena – Segmento: compra, venda e locação de antiguidades, bar e restaurante com música ao vivo, fundado em 2000 – Empresa médio porte - 42 funcionários;
- Rio Presidente Hotel – Segmento: hotelaria, fundado em 1950 – Empresa de médio porte - 100 funcionários;
- Teatro Rival – Segmento: casa de show, fundado em 1933 - Empresa de pequeno porte - 12 funcionários;
- Barão do Kilo – Segmento: gastronomia – Empresa de médio porte– 38 funcionários;
- Fazenda Arte – Segmento: decoração — Empresa de pequeno porte - 12 funcionários;
- Varandas Gourmet – Segmento: gastronomia – Empresa de médio porte– 36 funcionários;
- Tic-Toc – Segmento: sapatos e reformas de sapatos – Empresa de pequeno porte - 22 funcionários.

Foram onze empresas inscritas na organização com o firme propósito de agir articuladamente para melhorar a qualidade do local que se apresentava muito abandonado. Essas empresas demonstraram como ponto forte o seu poder de associação e por isso conseguiram não só mobilizar o poder público, chamando a atenção para os seus problemas, como encontraram apoio nas entidades de caráter patronal, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e pequenas Empresas (Sebrae), Serviço Social do Comércio (SESC), Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), Sindicato dos Empresários do Comércio do Rio (SindRio).

Segundo o estudo de Leite¹ nos anos 1990 acentuou-se a perspectiva de preservação voltada para o mercado. Nesse sentido, diz o autor: “O processo implica formas de interação baseadas no consumo e pressupõem, em primeiro

lugar, uma operacionalização dos modos de preservação a partir das necessidades do mercado”, isso se traduz em investimentos e em atividades comerciais que correspondem às expectativas de retorno financeiro. Em consequência, os sentidos tradicionais da história e da cultura se deslocam para a esfera do consumo, na medida em que se transformam em mercadorias.

A presente pesquisa tem como objetivo analisar as ações sociais dessas onze micro e pequenas empresas que compõem o projeto Pólo Novo Rio, bem como a reação dos grupos atingidos diretamente pelo processo de revitalização em andamento. Nesse trabalho entende-se por ação social qualquer iniciativa empresarial que vise melhoria no contexto onde estas empresas estão situadas, sejam elas: doação, projeto, programa, distribuição de alimentos, acesso a serviços etc. Para isso, realizamos entrevistas semi-estruturadas¹ com os representantes das empresas que compõem o projeto, bem como: alguns catadores de lixo e moradores de rua da localidade. Utilizamos um roteiro com perguntas abertas. Como instrumento de trabalho usamos um roteiro de perguntas, que possibilitou a cada entrevistado expor suas idéias com liberdade expressando, assim, suas opiniões e sentimentos sem respostas previamente esperadas.

A aplicação das entrevistas com os empresários ocorreram durante quatro reuniões do Pólo onde pudemos ter uma abordagem individual e também observar a dinâmica da reunião e apresentação dos empresários presentes. Para os moradores de rua e catadores de lixo procuramos, inicialmente, saber se o grupo do Pólo indicava alguma instituição ou experiência junto a esses dois segmentos, apesar da maioria não informar alguns citaram a Associação Beneficente São Martinho² como principal entidade de referência no relacionamento com essa população. Essa informação foi importante, mas não consideramos a entidade como única fonte institucional de mediação para nossa aproximação com os catadores de lixo e moradores de rua já que essa população no Centro do Rio é muito fácil de encontrar.

Na coleta de informações com os dois públicos entrevistados não encontramos dificuldades. Ambos procuraram prestar muita atenção ao responder as perguntas e demonstravam querer contribuir, principalmente, os empresários

¹ Roteiro semi-estruturado e a lista de empresários e dos moradores de rua e catadores de lixo entrevistados estão no anexo.

² Associação Beneficente São Martinho atende crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social, as famílias são encaminhadas ao abrigo da prefeitura. Isso quando não preferem ficam na rua mesmo.

que procuravam chamar a atenção para suas dificuldades com os catadores de lixo e a população de rua.

Deixavam bem claro sua posição, sem nenhuma ressalva, na tentativa de serem “compreendidos” pela resistência a presença dessa população que traz incomodo a seus negócios. Porém, devemos registrar que por parte dos empresários existem dois tipos de motivação, a primeira vinculada ao interesse imediato de sustentabilidade do próprio negócio e a segunda, inter-relacionada com a primeira, voltada para a importância de encaminhamentos dignos por meio de cooperativas e organizações que possam oferecer melhores condições de vida à população que os incomodam.

Quanto às entrevistas com os catadores de lixo e moradores de rua tivemos grande facilidade no que diz respeito à receptividade de comunicação, visto que, gostam de falar de suas histórias. Entretanto, também encontramos muita resistência em relação aos empresários. Os catadores de lixo e moradores de rua reagem como se todos os empresários estivessem contra eles demonstrando total descrédito em relação a qualquer boa intenção que possa haver desse lado e se referem a eles como “aqueles que pretendem afastá-los ou expulsá-los da localidade”.

Esse sentimento de rejeição por parte dos catadores de lixo e moradores de rua parece nutrir o desejo dos empresários pelo espaço de revitalização. Para orientar os nossos estudos formulamos como questão central o desvendamento das ações dos empresários, que mesmo voltados para os seus interesses imediatos podem articular alternativas de desenvolvimento que assegurem um padrão mínimo de condições de vida para os moradores de rua e catadores de lixo que atuam no entorno de seus negócios.

A exposição da problemática entre empresários vs. catadores de lixo e moradores de rua, contida nessa dissertação, está organizada em quatro capítulos. No primeiro capítulo discutiremos a questão de Responsabilidade Social no contexto das alternativas de enfrentamento da “questão social”, que segundo o ideário neoliberal fomenta a participação do mercado como parceiro do Estado. O momento em que o Estado recorre à solidariedade da sociedade é representado no sentido em que o governo transfere suas obrigações públicas de proteção e garantia dos direitos sociais convocando a iniciativa privada para responder às demandas sociais.

A década de 1990 marca a ampliação e expansão do terceiro setor e tem como inspiração o Programa Comunidade Solidária, que significa um marco na redefinição da relação entre Estado e Sociedade no campo da Assistência Social. Aos poucos a crítica do Estado como ineficiente é deflagrada e a sociedade civil composta por uma grande diversidade de atores e organizações entram em cena, configurando o chamado o terceiro setor. Dessa forma delinea-se, de fato, outro modelo para o enfrentamento da “questão social”, inspirado na solidariedade moral de ajuda aos pobres, que nada mais é que o resgate da antiga filantropia.

No debate atual sobre responsabilidade social observa-se ainda grande escassez de estudos sobre as ações sociais das micro e pequenas empresas, que têm uma participação importante na economia do país. Através de uma consulta superficial à literatura especializada logo se percebe que é sobre a empresa de grande porte que se tem versado quase a totalidades dos estudos. Diante dessa lacuna é necessário a realização de estudos que possam contribuir para a reconstrução do conceito de responsabilidade social em referencia às micro e pequenas empresas (Barbosa: 2002) .

Na realidade, muitas empresas desse segmento já contribuem para a melhoria da comunidade, mas com especificidades que decorrem da ênfase em ações imediatas vinculadas diretamente a sustentabilidade de seu negócio. Nesse sentido, cabe registrar a existência de iniciativas por parte das micro e pequenas empresas brasileiras para adotar políticas e práticas de responsabilidade social pautadas em normas de conduta difundidas pelo Instituto Ethos, Instituto de Empresas e Responsabilidade Social, e pelo Sebrae, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

Esse manual foi amplamente divulgado através de material impresso distribuído gratuitamente para os associados do Ethos e do Sebrae³ e em formato digital, como a publicação complementar. Foram elaborados outros documentos intitulados “Ferramenta de auto-avaliação e planejamento” e “Indicadores de Responsabilidade Social Empresarial para Micro e Pequena Empresas” que são distribuído gratuitamente pelo site no Sebrae e do Ethos.

Desse modo, acreditamos que nossa pesquisa poderá contribuir para o avanço do debate sobre as ações sociais das micro e pequenas empresas tomando

³ Manual de Responsabilidade Social, 2003.

como referencia empírica a revitalização do Centro do Rio no Projeto Pólo Novo Rio que tem viabilizado a ação dessas empresas junto aos moradores de rua e catadores de lixo.

No segundo capítulo trataremos da apresentação do cenário do Centro do Rio e dos programas que envolvem a configuração da formulação e implementação de medidas de inclusão social. Na exposição desse capítulo são consideradas as práticas de empreendedorismo urbano através do I e II Planejamento Estratégico da Cidade do Rio de Janeiro (PECRJ) sua entrada no “mercado do planejamento estratégico” mundial, sob a influência de consultores catalães e as orientações do Banco Mundial (BIRD). Embora pareça um absurdo tais orientações, ao contrário, encontra-se em consonância com a idéia de uma cidade pensada e elaborada como um produto, ou seja, uma mercadoria a ser consumida. O projeto Pólo Novo Rio reforça essa configuração de tornar a localidade preparada e valorizada a partir de suas potencialidades para participar da competição entre as cidades.

Nesse sentido, os moradores de rua e os catadores de lixo não conseguem ser protagonistas nesse processo e não podem consumir a mercadoria principal que é a cidade conforme esta se coloca em circulação no mercado. De acordo com esses interesses diversas propostas são formuladas e iniciativas são empreendidas para atender as necessidades dessa população carente, que tanto incomoda a concepção de cidade como mercadoria a ser consumida. Aqui se insere como uma das propostas de encaminhamento para os catadores de lixo o programa “Jogue Fora Limpo” em parceria com a Comlurb, Companhia Municipal de Limpeza Urbana, que mesmo ainda não implementada procura viabilizar um conjunto de alternativas para essa população oferecendo várias ações, que vale a pena serem aprofundadas e verificadas como experiências que podem ser encaminhadas no Centro do Rio de Janeiro.

No terceiro capítulo nos deteremos na ação empresarial a partir dos depoimentos que fundamentam a participação das micro e pequenas empresas no projeto Pólo Novo Rio. Para isso, levantamos duas categorias de agentes que consideramos fundamentais para pautar nossa análise: a primeira constituída pelos empresários desse segmento e a segunda pelos moradores de rua e catadores de lixo. No que se refere às empresas serão considerados o tipo de empresas que realizam essas ações – razões para justificá-las, e suas contribuições efetivas; e no

que se refere aos moradores de rua e catadores de lixo será levantado que tipo de ações eles identificam como aquelas que impactam no seu cotidiano de vida e trabalho.

O quarto e último capítulo busca o aprofundamento das reflexões sobre a questão norteadora da pesquisa que se refere às ações sociais das micro e pequenas empresas inseridas no processo de revitalização do centro do Rio e sua capacidade de oferecer alternativas de desenvolvimento para os moradores de rua e catadores de lixo. Reconhecemos que os verdadeiros condutores da revitalização devem ser os agentes atingidos pelo projeto, ou seja, os empresários os catadores de lixo e a população de rua. Em consequência, esse movimento de melhorar a comunidade deve ser de todos que vivem o cotidiano da localidade e por isso devem atuar junto ao poder público para que responda às demandas sociais existentes.

O estudo aqui desenvolvido ressalta que a presença de moradores de rua e catadores de lixo mostra os limites das ações sociais, desnudando as marcas das desigualdades sociais agudas. Os embates que ocorrem com os empresários donos de bares, restaurantes ou qualquer outro empresário, explicitam essas divergências e mostram como são limitados os instrumentos do poder público e dessas empresas para fazer valer os propósitos da revitalização. Para isso é necessário um grande esforço integrado na solução de problemas locais, criando e consolidando uma cadeia de solidariedade entre iniciativa privada, ONGs, a população mais carente e o poder público para encaminhar as questões sociais que giram em torno da revitalização.